

1- ATIVIDADE: ANÁLISE E SÍNTESE

Salvador, dezembro de 1990, IX ENNORFITO

Carmen Teresa Costa Souza

O lugar que a atividade ocupa dentro da Terapia Ocupacional tem sido estudado, discutido e questionado, porém, ainda permanece um campo de conhecimentos gerador de questões e contradições.

Freqüentemente, o terapeuta ocupacional é convidado ou ele mesmo toma a iniciativa de falar sobre trabalho. Esclarecer o mistério dessa profissão tão pouco convencional, nos parâmetros da ciência, cuja proposta é realizar um trabalho na área de saúde e educação utilizando, de forma terapêutica, as atividades do cotidiano, do lazer e da cultura. O que se constata por parte dos outros profissionais e muitas vezes do próprio terapeuta ocupacional é uma dificuldade em entender a Terapia Ocupacional. Percebe-se apenas a dimensão explícita da experiência ocupacional, do ato do fazer como um comportamento externo em que se dissocia o indivíduo de sua ação.

Frente a essas dificuldades, gostaríamos de registrar algumas questões:

- os alunos muitas vezes chegam ao curso com preconceitos em relação ao fazer humano, com uma visão cindida entre atividades manuais e intelectuais, o que reflete a concepção de seu grupo social, familiar.
- muitas vezes nossos curso têm falhado, não contribuindo efetivamente para que o aluno desenvolva um conceito de ocupação humana.
- por considerar o uso da atividade característica nuclear da nossa atuação, torna-se necessário, a fim de utilizá-la terapeuticamente, o seu conhecimento e sua análise.

- qual análise devemos proceder: do material, da atividade, do produto? Ou analisamos a interação do sujeito frente a uma determinada atividade em um contexto definido?

Quais conhecimentos e referências se fazem necessários para se proceder a uma análise? Nossas referências para o conhecimento científico têm como base o método analítico racional, utilizando a linguagem verbal para comunicar. Os fenômenos se estruturam a partir de relações causais e se classificam em categorias muitas vezes dicotômicas e lidam com apenas duas variáveis de cada vez. Porém, a linguagem do fazer humano é diversificada, sendo a um só tempo verbal, para-verbal e não-verbal. Para decodificá-la é necessário percebê-la em seus aspectos objetivos e subjetivos, reais e simbólicos, recorrendo às referências que incluam o indivíduo, seu grupo social e sua cultura.

Cynkin (79) nos dá um relato da complexidade do funcionamento humano ao descrever e analisar o processo de preparar uma torta por uma personagem de um livro de mistério.

"Fazer uma torta é uma atividade ostensivamente simples para a personagem. Inicialmente ela tem que relembrar o método e as medidas a utilizar. Para medir os ingredientes, a heroína teve que ter inteligência suficiente para ter aprendido sobre pesos e medidas e para aplicar no caso particular o que aprendeu de forma geral. Tem que ter um bom controle neuromuscular e coordenação para despejar e cortar nas especificações exatas. Ela teve que internalizar conceitos de tamanho, peso, pressão, frio e, portanto, ser capaz de transmitir seu conhecimento para suas mãos e olhos enquanto eles obedientemente separam e avaliam as dimensões requeridas. A massa da torta alcança a consistência perfeita e é modelada com exatidão, não apenas devido à coordenação motora e destreza de seus braços e mãos, mas também porque a suave pressão exercida é monitorada pelas mensagens sensíveis das mãos e dedos para o cérebro, o qual direciona a força da resposta muscular. O controle de seus movimentos depende da estabilidade dos segmentos corporais e de seu posicionamento. O processo de fazer a torta está tão bem integrado que ela pode se des-

prender de antigas associações e induzir a novas enquanto prepara a torta.

Nessa análise pode-se também entrar no reino das especulações e interpretações. Por que fazer a torta absorve tanto a jovem mulher da história que enviuvou recentemente e é perseguida pelo medo de um assassino desconhecido e provavelmente imaginário? Por manter um contato com a realidade, por ser uma atividade querida e familiar que lhe proporciona controle? Ela associa a torta à infância feliz, à mãe carinhosa, ao marido apreciável. O produto final é simbólico de sustento, educação e amor. É promessa de aprovação para quem faz e satisfação compartilhada com a família. É uma herança cultural legada por antepassados determinados e honestos. Observando-a podemos deduzir sobre sua inteligência e auto-confiança que ela é capaz de resolver seus problemas. Ela substitui o papel não disponível pela mesa enfarinhada, a água gelada pela água fria."

Para que as atividades realizem a potencialidade de serem terapêuticas, elas têm que ser percebidas pelo terapeuta em todas as suas ramificações - quais delas integram e dão sentido ao movimento da mão, do corpo, da mente num determinado tempo e lugar. Esse elo parece, segundo Cynkin, estar no coração da natureza terapêutica da atividade.

Dada a diversidade dos modelos e orientações da Terapia Ocupacional, corre-se o risco de falar de uma proposta específica e parcial como se fosse a totalidade da profissão, quando não se explicita as referências utilizadas.

Os terapeutas ocupacionais têm trabalhado embasados em diferentes modelos teóricos, com concepções de homem, de saúde e de ocupação também diversas. Diferentes modelos implicam em diferentes representações simbólicas de uma mesma idéia, objeto ou fenômeno. O processo da Terapia Ocupacional no que concerne a relação do cliente com as atividades é de uma mesma natureza. Porém, a ótica escolhida

pelo terapeuta para observá-lo vai determinar não apenas sua visão do fenômeno mas também a conceituação do papel da atividade do cliente e do terapeuta nessa perspectiva, assim como definir sua intervenção.

Dispomos hoje de um bom número de modelos de Terapia Ocupacional que organizam nossos conhecimentos e sistematizam nossa prática clínica, possibilitando-nos conhecer esses modelos quanto à sua organização e referências básicas. O conhecimento desses modelos em sua diversidade contribuem para se ampliar e consolidar o campo de conhecimento da Terapia Ocupacional. Todos os modelos apresentam possibilidades e limitações e proporcionam diferentes níveis de adequação em relação à realidade do cliente, do terapeuta e do contexto em que será utilizado. O conhecimento dos modelos nos possibilita explicitar e referendar nossa prática clínica, situando a experiência particular e pessoal da Terapia Ocupacional num universo compartilhado, num campo comum de conhecimento.

Esse conhecer, reconhecer e compartilhar convergências e divergências nos congrega e nos integra numa responsabilidade comum que é o desenvolvimento da profissão. Esse desenvolvimento, por características próprias da Terapia Ocupacional, pode assumir diferentes trajetórias - partindo de um conhecimento teórico geral, chegar a uma aplicação prática particular ou vice-versa.

A literatura ressalta como mais significativos sistemas de referência para o desenvolvimento de modelos teóricos e práticos da Terapia Ocupacional os super-modelos: Modelo Humanístico, Modelo Reducionista, Modelo Desenvolvimental, Modelo Psicanalítico, Modelo Comportamental, Modelo Sistemico e Modelo Holístico. Cada um desses modelos proporciona uma estrutura para que se examine o papel da Terapia Ocupacional e de sua prática. Um modelo caracteriza uma visão de mundo e de homem - provavelmente encontraremos em um deles aquela alternativa que nos fale mais próximo de nossa cosmo-visão, de nossas crenças e valores, de nossas experiências e afetividade, de nosso momento atual, do nosso estilo.

As propostas iniciais da Terapia Ocupacional, baseadas no Modelo Humanístico, defendiam a noção de que estar em atividade promovia o bem-estar físico e mental, e a falta desta levaria a um prejuízo ou perda e deterioração do funcionamento físico e mental. Essa proposta assume o compromisso do uso da atividade como recurso terapêutico e coloca também a possibilidade implícita de que a disfunção é reversível através do empenho nas atividades.

capítulo
Com a adoção da perspectiva reducionista, através do modelo médico, foi criada uma nova lógica para a análise de atividades, cuja base seriam as categorias/diagnósticas. A atividade tinha um papel potencial na redução ou eliminação dos comportamentos indesejáveis, incrementando os desejáveis. A atividade era o estímulo com que se lograva a resposta - a ação. O "locus" de controle pertencia aos profissionais, à instituição, restando ao indivíduo o papel passivo de paciente.

Os modelos de análise de atividade dessa época buscavam as classificações claras e os procedimentos exatos, o que era desejável para uma profissão que lutava por reconhecimento e legitimação numa cultura voltada para a tecnologia e a ciência. Tais análises tendiam a ser mecânicas, estáticas e difíceis de aplicar. Elas excluíam o indivíduo que a executava e o ambiente em que o fazia - o paciente. Parecia uma abstração ou uma generalização diagnóstica. Todas as possibilidades pareciam inerentes apenas à natureza das atividades e não incluíam as interações que ocorriam.

*14/02
aprox
microfilme*
Os Fidler (64) com uma perspectiva psicanalítica em seu modelo de Terapia Ocupacional como processo de comunicação, enfatizavam o significado das atividades com seu uso psicodinâmico e afirmavam que a natureza ou a experiência da ação são de importância fundamental. O propósito da análise de atividade nesse referencial é contribuir para a compreensão das características psicodinâmicas básicas e fundamentais de uma dada atividade. Tal conhecimento é o primeiro passo na melhor compreensão da dinâmica da Terapia Ocupacional e requer habilidade para se lidar com os fenômenos de grupo, com a

natureza e os significados dos símbolos, com a psicodinâmica individual e uma sensibilidade para o provável impacto de cada um desses aspectos nos outros. Finalmente, requeriam a capacidade de integrar esses conhecimentos na experiência terapêutica do paciente.

Seu esboço de análise de atividades contemplava os movimentos, os procedimentos, o material, a atividade, os símbolos e os sentimentos possíveis de serem expressos. O foco da análise estava nas possibilidades que ela fornecia. O processo de fazer era percebido como um mecanismo mental intrapsíquico que se externalizava e objetivava na ação. A avaliação do sucesso ou fracasso era resultante da comparação do plano ou ideia inicial com o produto resultante.

Dentre os modelos de ação, é importante ressaltar a contribuição de Cynkin, cujo modelo introduz novos conceitos na análise de atividades, contemplando os aspectos sócio-culturais e situando-os num campo de ação, ou seja, contextualizando-a quanto ao ambiente e as regras implícitas e explícitas que a organiza. As atividades têm significados pessoais (crenças e valores) e relevância (valorização social) relativos. Quando analisadas sócio-culturalmente, as atividades deixam o refúgio de uma sala de Terapia Ocupacional, o papel de recurso terapêutico e readquirem o perfil com o qual aparecem no cotidiano - configurada sócio-culturalmente e caracterizada pela maneira idiossincrática com que cada indivíduo a vivencia. Essa proposta amplia não só a visão da ação humana mas, principalmente, a visão das atividades possíveis de serem utilizadas pela Terapia Ocupacional. Altera o confinamento e a estereotipia das atividades-recursos atuais. Gera, em contra-partida, a necessidade de se considerar os aspectos sócio-culturais quando da seleção das novas alternativas a serem utilizadas com uma determinada clientela. Kielhofner com o modelo da Ocupação Humana e Sally Cubbie com sua Análise Ocupacional propõem um método de análise em que se enfatiza a mútua influência da pessoa e do ambiente. O modelo é proposto como um processo composto de duas partes. A primeira, a análise ocupacional, é um estudo descritivo de como as ocupações correspondem ao sistema humano aberto e a segunda parte do processo, a

ativ.// = perfil do cotidiano (sócio-cultural e significados pessoais)

análise ocupacional com a qual se trabalha, visando a cultura do cliente

análise clínica, quando o profissional atua diretamente com o cliente

análise clínica, é uma pesquisa das ocupações no sentido de um potencial agente terapêutico. A análise ocupacional usa o desenvolvimento da ciência da ocupação, valores, motivos pessoais, interesse, papéis, hábitos, habilidades e o ambiente. A análise clínica explora como as ocupações podem engajar um cliente na exploração, competência e realização. Os dois modelos de Cynkin e Kielhofner têm em comum o fato de analisarem a atividade de uma forma mais flexível, integrando o ambiente, as características manifestas e adquiridas na ação. A interação com o ambiente é fundamental e as mudanças ocorrem tanto a nível do indivíduo quanto do contexto. O processo é sistêmico e circular. A expectativa de sucesso e fracasso está vinculada ao equilíbrio ou não das demandas pessoais e ambientais com as possibilidades do indivíduo - esse equilíbrio é dinâmico e se manifesta ao longo do ciclo da vida.

Considerando ser a ação a experiência básica e comum da Terapia Ocupacional, temos focalizado esse aspecto, destacando-o, para melhor compreensão. Temos claro que seu significado em nenhum momento pode ser entendido de forma dissociada das interações existentes entre terapeuta-cliente-contexto. Nossa tentativa é, exatamente, com essa focalização, numa perspectiva sistêmica, enxergar com maior clareza as interações que organizam e possibilitam a experiência da Terapia Ocupacional, e que se encontram presentes no ato de fazer algo significativo e relevante.

Constituindo o homem e o mundo uma unidade indissolúvel, sendo essa unidade regida e organizada por uma imagem de mundo que integra a afetividade, a experiência, os valores e as normas se expressando em seus atos de conduta. Lidar com essa premissa implica numa visão de ser humano integrado, uma unidade mente-corpo-mão interagindo continuamente com o contexto, possibilitadora de uma compreensão e intervenção mais ampla e profunda na Terapia Ocupacional.

Com seu fazer criativo, o homem escreve sua história pessoal cultural e humana, construindo uma interação entre criar e viver. Acredito ser inerente ao homem, em seu processo de humanização, a

ecessidade de amar-trabalhar, de formar e transformar criativamente si e ao mundo no transcorrer de toda a sua existência. É preciso corrigir a noção distorcida de que a criatividade é restrita às artes ou privilégio dos artistas. Pode nos parecer difícil perceber que no auto-cuidado, na manutenção de uma casa, no preparo de um alimento ou de uma aula, no trabalho e no lazer possamos ser criativos.

Nossa concepção de psiquismo estava restrita a idéias e emoções. A psicologia simbólica ampliou-a incluindo o corpo, a natureza e a sociedade, dando uma nova dimensão ao psiquismo humano. São necessárias novas referências para se falar de Terapia Ocupacional, pois não nos referimos apenas a mais uma técnica, mas a processos de vida. A linguagem verbal não-poética é objetiva, precisa, na medida em que é linear e racional e se distingue da linguagem não-verbal que circula pelo objetivo e subjetivo, inclui e integra racional e intuição, a mente e o corpo estabelecendo uma interação interior e exterior, sujeito e mundo que se expressa, comunica na metáfora, no simbolismo de seu fazer.

O ato de fabricar, de produzir algo chama-se POIESES, emrego. Nesse sentido, o fazer humano criativo baseado na intuição, percepção e sensibilidade que busca compreender, relacionar, ordenar, configurar e significar é uma atividade poética.

Penso que o fazer humano é quase mágico, é um dom divino. Fantástico quando alguém com suas mãos pega um pedaço de papel, um pote de tinta, um pincel e começa a pintar. É prazeroso, às vezes coloroso, real e imaginário se mesclam, a experiência subjetiva, imaginada pode ser compartilhada, conhecida, refletida na realidade do desenho. Na alquimia da cozinha não apenas se nutre ou supre as necessidades orais, mas se vive uma dança de movimentos em que se transformam as cores, as texturas, os aromas na preparação de uma festa que é a manutenção da vida. No entalhe da madeira se traça a golpes de formão e de martelo, descasca, despedaça, fere, revê as próprias feridas para emergir com esse trabalho numa nova realidade transformada, uma nova peça, um novo corpo. Na trama do tear se tece

), muitas vezes a trama, o drama da própria vida.

) Cuidando da terra integra-se no ciclo da natureza, vivencia-
) se o nascer, vivencia-se o morrer. Vê surgir com emoção um broto no-
) vo na planta que se pensava morta. Planta-cuida-espera-colhe - a ter-
) ra retribui. Percebe-se a dimensão do tempo e o significado do tempo
) vivido. Modelando o barro se modela, se expressa, se descobre, se re-
) vela resolvendo suas distorções de conceito e imagem corporal, se
) fortalece, se valoriza, se individualiza.

) Brincando, jogando, relaciona-se com mais um, com mais dois,
) com um grupo, coopera e compete, rivaliza, lidera, protege e é prote-
) gido, confronta e é confrontado, cria regras que observa e transgri-
) de, conhece, explora, desenvolve.

) O barro, a madeira, o fio, a tinta são objetos inertes, o
que lhes confere significado é o investimento afetivo e as relações
interpessoais daqueles que trabalham - cliente-terapeuta. Só um ho-
mem pode humanizar outro homem e dar caráter humano ou humanizar os
objetos e transformar um mundo material em mundo humano, através de
suas mãos que são a um só tempo órgão e produto do trabalho; e que
o distingue entre os animais.

) As mãos não apenas vencem a resistência das coisas e as
transformam. Com elas tocamos, exploramos, acariciamos, agredimos, a-
proximamos, afastamos, exprimimos de modo sensível e concreto as re-
lações entre os homens e os objetos, os homens entre si e entre gru-
pos sociais.

) Fayga Ostrower (86) reitera que a criatividade é a essencia-
lidade do humano no homem. Ao exercer seu potencial criador, criando
em todos os âmbitos de seu fazer, o homem configura a vida e lhe dá
sentido. Criar é tão difícil ou tão fácil quanto viver. E é do mes-
mo modo necessário.

) Ao se engajar numa atividade que não se lhe apresenta signi-

icativa, lhe é estranha e externa, de um modo geral não se dá a estimulação da sensibilidade e o fazer do indivíduo dificilmente chega a ser criativo. As possibilidades dos indivíduos realizarem no trabalho suas potencialidades, nas propostas culturais vigentes, será sempre uma questão de níveis de integração que existem em uma sociedade e que se propõem aos indivíduos. Esse problema de alienação deve ser objeto de estudos sociológicos específicos, com conhecimentos teóricos e metodologia também específica.

Temos à disposição um vasto cardápio de referências, de modelos para se compreender, analisar e intervir na experiência da Terapia Ocupacional. O próximo passo deverá nos encaminhar para a síntese. Se a análise é fundamental para se compreender o processo de Terapia Ocupacional, é a vivência da síntese que possibilita a transformação.

Síntese do pensar, do sentir e agir
da percepção, do corpo, da consciência
dos processos saúde-doença-vida
das relações eu-outro-mundo/natureza.

Ao escolhermos ser terapeutas ocupacionais selecionamos, dentre múltiplas alternativas existentes para conhecer, compreender e agir com o homem, sua característica única e diferenciadora de todos os outros seres vivos, que é a sua capacidade de fazer e simbolizar, comunicar, formar e transformar individual e coletivamente.

Nos momentos de dúvida quanto a essa escolha ser ou não um caminho, vale a pena se lembrar do Gênesis, e que o mundo se iniciou com o Grande Criador fazendo-o. Talvez esse seja um caminho ou maneira que o homem encontrou para se religar e para ficar próximo a Deus.

BIBLIOGRAFIA

BYINGTON, Carlos - Dimensões Simbólicas da Personalidade - Ed. Ática
São Paulo, 1988

CYNKIN, S. - Occupational Therapy - ^{indicado para} Toward Health Through Activities
Little Brown, Boston, USA, 1979

FIDLER, G.S.; FIDLER, J.W. - Occupational Therapy: A Communication
Process In Psychiatry - Macmillan, New York, 1964

KIELHOFNER, G. - A Model of Human Occupation: Theory and Application
Williams & Wilkins, Baltimore, USA, 1985

_____. Health Through Occupation - Theory and Practice in
Occupational Therapy - F.A. Davis Company, Philadelphia, 1983

REED, Kathlyn L. - Models of Practice in Occupational Therapy
Williams & Wilkins, Baltimore, USA, 1984

VASQUEZ, Adolfo S. - Filosofia da Praxis - Ed. Paz e Terra, Rio de
Janeiro, 1977